



Cronache del mal d'amore

Elena Ferrante , Edgardo Dobry (Contributor)

[Download now](#)

[Read Online](#) 

Cronache del mal d'amore

Elena Ferrante , Edgardo Dobry (Contributor)

Cronache del mal d'amore Elena Ferrante , Edgardo Dobry (Contributor)

«Ammirazione, stupore e incredulità destò nel 1991 l'uscita dell'*Amore molesto*. Chi era questa scrittrice che si firmava Elena Ferrante e dichiarava di aver vissuto molto tempo a Napoli e poi in Grecia? Già in quel primo romanzo la sua voce era decisa, nitida, perfetta. Una voce che alla fitta trama coniugava l'atmosfera soffocante del romanzo poliziesco americano, il gesticolare patetico e comico dei grandi personaggi di Samuel Beckett, gli angoscianti dubbi sulla propria identità di Virginia Woolf, e la confusa e allo stesso tempo cruciale caccia ai fantasmi di Henry James. Difficile dare un'etichetta a un tale romanzo: una donna di circa quarantacinque anni che, di fronte all'improvvisa e misteriosa morte della madre, tenta di appurare come si sono svolti i fatti. Undici anni dopo, nel 2002, uscì *I giorni dell'abbandono*, opera meno oscura sebbene altrettanto cupa e di grande impatto; una peripezia di disamore, solitudine e disperazione senza un briciolo di sentimentalismo, senza una pagina superflua. Pubblico e critica tornarono a mostrarsi ancora più ammirati ed entusiasti. Nel 2006 fu pubblicato un terzo romanzo, *La figlia oscura*, incentrato sui rapporti tra una madre e le sue due figlie».

Cronache del mal d'amore Details

Date : Published October 24th 2012 by e/o
ISBN : 9788866321927
Author : Elena Ferrante , Edgardo Dobry (Contributor)
Format : Paperback 512 pages
Genre : Fiction

 [Download Cronache del mal d'amore ...pdf](#)

 [Read Online Cronache del mal d'amore ...pdf](#)

Download and Read Free Online Cronache del mal d'amore Elena Ferrante , Edgardo Dobry (Contributor)

From Reader Review Cronache del mal d'amore for online ebook

Ana says

Quem vai ler estas três crônicas e espera por um livro tipo "Amiga Genial" vai ficar desiludido. A Série Napolitana pouco tem em comum com este livro. A forma de escrever de Elena Ferrante está lá no entanto a escrita é muito mais crua, muito mais dura.

A maternidade e as relações familiares são o tema comum, mas não são retratadas de um modo idílico, explorando a escritora as muitas fragilidades do ser humano.

Raquel says

Lo que hace Ferrante con sus mujeres es digno de mérito. Tira de la cuerda, y tira, y tira, poniéndolas en situaciones límites y dejando que hagan cosas que en ocasiones pueden resultar ruines y mezquinas (como robar la muñeca de una niña de dos años). Gracias a ese tipo de giros podemos conocerlas, amarlas, odiarlas, comprenderlas y desconcertarnos. Pero qué bien escribe y que buenas historias sobre madres e hijas cuenta Ferrante. Es normal que la fiebre por ella no decaiga sino que más bien aumente cuanto más la lees ♥?

Margaret says

Elena Ferrante é o pseudônimo de uma escritora (ou escritor) italiano que ninguém sabe quem é. Não há fotografias, não há promoções de livros e as poucas entrevistas dadas foram por e-mail. Desta forma, temos uma obra literária completamente desligada de quem escreve. Na era do marketing, isto é uma raridade, e foi uma descoberta que adorei fazer!

Este livro é constituído por três histórias distintas sobre três “mulheres à beira de um ataque de nervos”. Na verdade, se não fosse já nome de filme, penso que seria o título ideal para a obra. Na primeira história temos Delia que, confrontada com o suicídio inexplicável da mãe, faz um regresso indesejado ao passado para juntar as pontas soltas de uma infância dura, em que a violência doméstica era o pão nosso de cada dia. Na segunda história, Olga vê o seu calmo casamento ruir quando o marido a troca por uma jovem. Consumida pelo ódio e pelo desejo de vingança, desleixa o seu lar, os seus filhos e só um evento dramático a fará voltar à “realidade”. Finalmente, na terceira história, conhecemos Leda, uma professora universitária de sucesso que, para obter este estatuto, abandonou as suas filhas pequenas e agora começa a sentir uma ponta de remorso.

Elena Ferrante escreve de uma forma direta, crua e não mostra qualquer pudor em desconstruir o mito da mulher que alcança a felicidade máxima através da maternidade. Nunca li nada assim! As crianças não são apresentadas como um idílio, mas como um obstáculo, um incómodo; sugam a energia das mães, deformam o seu corpo e são a origem de muitos dos seus problemas. É chocante, politicamente incorreto, mas será que não há mulheres que sentem esta “revolta” de vez em quando, só que têm medo da reprovação da sociedade?

Todas as histórias são escritas na primeira pessoa e, como tal, entramos na cabeça destas mulheres e acompanhamos a sua montanha-russa emocional. É muito intenso e, como tal, aconselho um intervalo entre as leituras. Não aconselhável a almas mais sensíveis!

Joana Ribeiro says

Em minha opinião, só vale pelo último conto, "A Filha Obscura". Esperava mais. Desta autora esperarei sempre mais e mais, depois da tetralogia.

Ana says

Não foi fácil ler estas crônicas, isto é, as três histórias que Ferrante publicou antes da tetralogia de Nápoles que a catapultou para o merecido reconhecimento internacional. Não foi fácil porque as li numa época de trabalho dobrado e de muita burocracia consumidora de energia. Não foi fácil porque, apesar de já estar familiarizada com a escrita desta autora italiana, tive que fechar o livro em certas passagens, respirar fundo, fechar os olhos e preparar-me mentalmente para conseguir engolir a saliva de novo, normalizar a respiração e aguentar a revolta no estômago que me pedia a rendição, a desistência.

Ser mãe é do melhor que a vida nos proporciona. Só quem é mãe tem a perfeita noção do quanto a ligação umbilical que nos une a um filho é física, emocional e inexplicável. É de um amor avassalador e que nunca diminui, pelo contrário. Por tudo isto, sempre que refletimos sobre o amor que existe entre uma mãe e um filho, pensamos em carinho, ternura, atenção, sacrifício, dádiva, renúncia e reagimos muito mal perante notícias de mães que abandonam os filhos, que não os cuidam, que descuram dos seus deveres de progenitora. É muito mais condenável se essa negligência ou abandono é materno que paterno, porque a ligação entre uma mãe e um filho vem de muito antes, vem de muitos meses antes do nascimento.

As três histórias de Crônicas do mal de amor centram-se na relação entre mãe e filhos, no quanto essa ligação é determinante para o crescimento da criança, do quanto um descendente é completamente dependente de como a sua progenitora se comporta com ele e com os demais, do quanto esse comportamento molda o desenvolvimento e a personalidade de um filho. Contudo, a forma como Ferrante aborda o papel de filha, de mulher e de mãe transporta-nos para uma realidade que nada tem que ver com os estereótipos ou com o que convencionalmente associamos a esses laços filiais ou matrimoniais. A autora põe a nu integral, sem barreiras ou cortinas, o lado mais negro, mais duro, mais feio, mais abjeto daquilo que nos impele a magoar uma mãe ou um filho de propósito, a ser vingativo com quem nos deu a vida, a odiar aqueles seres que saíram da nossa barriga e que coartam, que impedem que sejamos donos de nós próprios.

Perante o que disse até aqui, não me parece que seja difícil entender o porquê quase desisti destas crônicas de Ferrante. Por muito que me sinta à-vontade com a escrita desta autora, foi muito penoso e quase intragável obrigar-me a prosseguir com a leitura.

A primeira crônica/história – Um estranho amor – é um pouco surreal, as bizarras deambulações da protagonista Delia para tentar perceber o que esteve por detrás da morte da mãe levam-na a confrontar-se com um passado sujo, violento e a finalmente confessar os ciúmes, a repulsa e a atração de querer ser igual à sua mãe:

“Era a ela que eu queria fazer mal. Porque me tinha abandonado no mundo a brincar sozinha com as palavras da mentira, sem limites, sem verdade.” (pág. 126)

“Estava de tal forma decidida a tornar-me diferente dela que perdia uma a uma as razões para ser semelhante.” (pág. 131)

A segunda crônica/história – Os dias de abandono – era aquela da qual tinha mais expectativas, sobretudo por partilha de opiniões com uma compincha literária e pelo seu início: "Num dia de Abril, a seguir ao almoço, o meu marido anunciou-me de repente que queria deixar-me. Fê-lo enquanto levantávamos a mesa (...) Falou muito dos nossos quinze anos de casamento, dos filhos, e admitiu que não tinha acusações a fazer-nos..." (pág. 135). Não posso dizer que as expectativas não tenham sido cumpridas, mas a um preço quase demasiado

elevado, porque tudo é demasiado real, demasiado cru e ao mesmo tempo tão verosímil, tão

assustadoramente verosímil que o estômago revolve-se ainda agora que já se passaram 4 dias desde que terminei a leitura. Ainda agora fecho os olhos como que para proteger-me de toda aquela dor, irracionalidade, perda de chão e de vontade de existir, buraco sem fim que nos pode transformar literalmente num farrapo autómato, largado num canto qualquer da casa, que não reage perante nada nem ninguém, mas que ganha vida e uma fúria arrasadora perante aquele que aniquilou a sua vida.

Por fim, a terceira crónica/história – A filha obscura – permite-nos acompanhar as férias de Lena, uma mulher de quase cinquenta anos, separada do marido e das filhas. Nos dias que passa à beira-mar descreve-nos a leveza que sente por não ter de viver mais com as suas filhas – "Quando as minhas filhas se mudaram para Toronto, onde o pai vivia e trabalhava há anos, descobri com perplexo espanto que não sentia qualquer desgosto, sentia-me leve, como se só então as tivesse posto definitivamente no mundo." (pág. 292)

Estamos perante uma mãe que confessa o inconfessável – a prisão que os filhos trazem para a vida de uma mulher, a perda da sua identidade – deixa-se de ser mulher para apenas ser-se mãe. E para onde vão os nossos projetos, os nossos sonhos, a nossa rotina, os nossos pequeninos prazeres quando a nossa existência é abalroada pela chegada de um ser minúsculo que nos suga e nos aniquila? E quantas vezes essa aniquilação, esse sugar dos nossos minutos diários revelam o que de mais monstruoso e animal todos possuímos dentro de nós?

Com tudo isto, nem sei bem se recomendo a leitura destas crónicas... Estão maravilhosamente bem escritas (como tudo o que sai da mão de Ferrante), mas são surrealmente reais, são assustadoramente reflexos de quem somos, expõem com uma precisão clínica o que de mais abjeto nos compõe e, como tal, não são nada fáceis de digerir. Deixo ao vosso critério se as querem ler ou não...

NOTA – 09/10 (É-me impossível dar a nota máxima por causa do choque em que ainda me sinto...)

<http://osabordosmeuslivros.blogspot.p...>

Orsodimondo says

LA FRANTUMAGLIA

Non so se esista un caso Elena Ferrante: scrittrice misteriosa o alias di nome già noto, se non addirittura nome de plume di scrittore uomo?

Le teorie sono diverse, i nomi fatti anche.

Lei continua a nascondersi e a rispondere alle interviste solo per email.

Vivian Maier

E' nata a Napoli, ha vissuto in Grecia, si è trasferita a Torino, vuole restare lontana *dalla pazza folla* o è costretta a mimetizzarsi per motivi contrattuali o di marketing?

Non lo so. E mi interessa anche poco.

Per me è qualcuno che scrive bene, e trovo curioso che i suoi romanzi ante quadrilogia (L'Amica Geniale) che preferisco siano proprio il primo e l'ultimo, così lontani (ventuno anni) e così diversi.

Ferdinando Scianna

Qui siamo di fronte a un'interessante operazione editoriale che raccoglie insieme i primi tre, e 'imita' identica pubblicazione in lingua spagnola.

Trovo interessante la prefazione all'edizione spagnola, qui tradotta e riportata, che focalizza alcuni temi della narrativa di Ferrante che hanno sempre colpito anche me: le protagoniste che non sono mai *tutte d'un pezzo*, della cui stabilità mentale è lecito dubitare, considerato che quella emotiva è labile sin dal principio.

La violenza psicologica che serpeggia dall'inizio alla fine.

L'assenza di buoni sentimenti senza *un lato oscuro*, a cominciare proprio da quelli familiari, di regola considerati i più rassicuranti.

Donne protagoniste tutte nate a Napoli e poi trasferite più a nord, che pensano tutte alla madre in modo ossessivo, vincolo dal quale non riescono a liberarsi.

Donne protagoniste che si portano dentro instabilità e infelicità, vissute come una colpa, condanna da espiare, perché in questa società l'angoscia è ormai uno scandalo.

Vivian Maier

La dualità dialetto/italiano che ha un peso rilevante: in questi tre primi romanzi, l'insulto, la volgarità, l'oscenità si esprimono più facilmente liberamente e intensamente in dialetto, che appartiene alle viscere; mentre la serenità, il razionale, il garbo si traduce in italiano, che appartiene alla ragione (le cose cambiano in qualche modo nei romanzi saga de 'L'amica geniale').

Ruth Orkin

Maria João Fernandes says

"Aceitei, durante aquele percurso, contar tudo a mim própria: tudo aquilo que as mentiras conservavam de verdade."

Não sabemos quase nada sobre Elena Ferrante, esconde-se numa nuvem de mistério, mas os seus livros, pelo contrário, não têm nada a esconder. São puros e a honestidade de cada linha entranha-se em nós. As suas palavras abrem-nos caminhos para obsessões horríveis, sentimentos perfeitos, emoções odiosas e personagens perfeitamente imperfeitas. A sinceridade sem limites tira-nos da nossa zona de conforto e habitua-nos às personagens, que não nos permitem voltar atrás e sermos quem éramos.

Em três histórias, três grandes mulheres enfrentam problemas pessoais: a morte da mãe, o abandono do marido por uma mulher mais nova e o sentimento de solidão após as filhas chegarem à idade adulta. Mas os problemas não são lineares e dividem-se em mais problemas, levando-nos a conhecer os pensamentos e sentimentos mais íntimos das mulheres, sejam generosas ou egoístas e cruéis, sem julgamentos.

"És uma mulher de hoje, agarra-te a tudo o que possas, não recues, não te percas, mantém-te direita."

Teresa says

Quem é Elena Ferrante?

Especula-se, com base nas suas obras, que seja uma mulher, com cerca de 60 anos e que nasceu em Nápoles. Só dá entrevistas por escrito e apenas o seu editor conhece a sua identidade. O anonimato permite-lhe uma total liberdade na escrita, bem explícita nos três romances curtos que compõem **As Crónicas do Mal de**

Amor.

Delia, Olga e Leda são três mulheres, com histórias de vida distintas, que se aproximam num ponto comum: a Maternidade. São mães que amam com loucura os filhos, mas não são as mães que a sociedade obriga e aprova, sob pena de serem tituladas de desnaturadas. Não pensam que os seus filhos são os melhores e mais perfeitos; por vezes, aborrecem-se com eles; esquecem-nos; desleixam-nos; abandonam-nos...porque são mulheres autênticas, imperfeitas, que sentem, que vivem; que amam e odeiam.

Os homens destas mulheres, embora sejam o rastilho que despoleta o sofrimento feminino, são também eles vítimas das suas fraquezas e das suas paixões; generosos e egoístas; heróis e cobardes; fortes e frágeis...

Com a narrativa na primeira pessoa e com uma escrita pura, sem pejo, por vezes cruel, rude e obscena, Ferrante confrontou-me com mulheres verdadeiras, perante as quais tive de "fechar os olhos" para não me rever nelas, no seu desespero, no seu egoísmo, na sua vulnerabilidade, na sua humanidade,...

Os Dias do Abandono foram os mais marcantes e difíceis de "viver"; algumas vezes tive de interromper a leitura e senti tanto medo que quase cedi à tentação cobarde de desistir de Ferrante.

Um Estranho Amor

"A minha mãe afogou-se na noite de 23 de Maio, dia do meu aniversário..."

Delia empreende uma busca para saber a causa do suicídio da mãe, Amália, de quem foi sempre distante, e descobre segredos que lhe revelam uma mulher alegre, que amava a vida, embora vítima de um marido ciumento, obsessivo e violento. Encontra, finalmente, a mãe e a si própria.

"Estava de tal forma decidida a tornar-me diferente dela que perdia uma a uma as razões para ser semelhante."

Os Dias do Abandono

"Num dia de Abril, a seguir ao almoço, o meu marido anunciou-me de repente que queria deixar-me. Fê-lo enquanto levantávamos a mesa (...) Falou muito dos nossos quinze anos de casamento, dos filhos, e admitiu que não tinha acusações a fazer-nos..."

Olga vê toda a sua vida desmoronar-se pelo abandono, pela traição, pela ingratidão, e é arrastada num vórtice de dor e desespero que ameaça a destruição do seu Ser, tornando-a numa "pobre-dela". Mas *"Não era uma mulher que se deixa desfazer em bocados pelos golpes do abandono e da ausência, até enlouquecer, até morrer."* Empreende uma luta titânica consigo própria, faz o que era impensável, transforma-se...perde-se...encontra-se...*"Sou o animal invulnerável que atravessa o fogo e não se queima."*

A Filha Obscura

"Quando as minhas filhas se mudaram para Toronto, onde o pai vivia e trabalhava há anos, descobri com perplexo espanto que não sentia qualquer desgosto, sentia-me leve, como se só então as tivesse posto definitivamente no mundo."

Leda é uma mulher de meia idade que convive com a culpa de não ter sido a mãe modelo; de ter colocado a carreira profissional na frente da vida familiar.

Não sei se é livro que se recomende. Nem creio que todo o leitor o aprecie.

Sei que ler Ferrante é uma experiência diferente. Uma nova forma de escrever sobre a mulher no seu papel de mãe. Durante a leitura, veio-me à memória O Amor Incerto de Élisabeth Badinter, um ensaio, que li há muitos anos, no qual a autora questiona se o amor materno é instinto ou é *"apenas um sentimento humano como outro qualquer e como tal incerto, frágil e imperfeito.."*

Cat says

Há livros, histórias, que nos deixam com sensações de mal-estar quando os lemos. Que funcionam como

murros no estômago, que nos inquietam.

Nestas crônicas, Elena Ferrante traz-nos três mulheres, Delia, Olga e Leda, que confessam o que seria considerado inconfessável, tabu: certos sentimentos que surgem em relações entre mães e filhos que ninguém normalmente se atreve a admitir. Uma filha pode sentir repulsa da sua própria mãe? Uma mãe pode ficar farta dos filhos? Uma mulher pode sentir que tem de fugir do seu papel de esposa e mãe?

Tudo isto é possível e é o que Ferrante nos mostra nestas três crônicas de uma forma muito crua, que não me deixou indiferente. Inquietaram-me um bocado, isso sim. A beleza das palavras de Ferrante misturadas com a crueza do que era narrado foi algo perturbador. Acho difícil ficar indiferente.

No entanto, não consigo dar mais de três estrelas. Houve momentos em que me aborreci um bocado, especialmente na segunda crônica, mais longa. Também não gostei muito da primeira, porque fiquei confusa com a mistura de presente com passado e tive de reler algumas frases, a ver se percebia. Da terceira até gostei, mas não estava à espera daquele final.

Enfim, não sendo o meu livro preferido da Elena Ferrante, não posso deixar de recomendar. Ela escreve mesmo muito bem.

Magda Pais says

Estreia absoluta com Elena Ferrante. Depois de tanto ouvir falar na Amiga Genial (que anda por ali na estante à espera de vez) e nos livros da mesma série, a minha estreia acaba por acontecer com este livro que reúne três contos: Um Estranho Amor, Os Dias do Abandono e A Filha Obscura, todos contados na primeira pessoa (Delia, Olga e Leda)

O encanto de Elena Ferrante está na escrita crua, sem artificios, rude e, muitas vezes, cruel. De uma forma fabulosa, consegue que comecemos por não gostar do narrador mas, aos poucos, vamos entendendo-a e, no fim, acabamos por sentir empatia pelas mulheres que Ferrante retrata. Acima de tudo porque, neste livro, a maternidade não é o sonho cor de rosa e idílico que muitas mães tentam fazer passar.

O mais pesado - e, para mim, o melhor - conto é Os Dias do Abandono. Olga é abandonada pelo marido e acaba por se tornar quase um animal, perdendo todas as referências familiares e sociais. A leitura deste conto não foi fácil, confesso e, muitas vezes, dei comigo a julgar Olga.

A Filha Obscura é também a história de uma mãe, Leda, para quem a profissão é tudo e que acaba por abandonar as suas filhas em prol do seu trabalho. Leda assume-se, acima de tudo, como mulher e não como mãe.

Um Estranho Amor foi, talvez, o que estranhei mais e que me fez duvidar da escrita desta autora. Pareceu-me uma história com menos nexos, confusa e sem uma linha mestra (ao contrário das outras duas). A mãe de Delia suicida-se e Delia embarca numa viagem pelo seu passado para entender a mãe e o que a levou ao suicídio.

Apesar de, no geral, ter gostado, não me sinto confortável em recomendar este livro a toda a gente. Creio que o melhor deste livro - a escrita crua e cruel - pode fazer com que algumas pessoas não o consigam ler com facilidade. Mas que deviam tentar, isso tenho a certeza.

Elsa says

No contexto geral dos 3 contos ou novelas dou 3 estrelas e dou também por encerrada a minha “fase Elena Ferrante”. Tenho de confessar que já foi a custo que terminei de ler este livro porque a determinada altura me começou a irritar a contínua culpabilidade de tudo o que lhe acontecia por ser mulher.

Os contos são sempre narrados na primeira pessoa por uma mulher e em todos eles ela nunca se sente bem na sua pele. Há sempre a tentativa de ser aceite pela sociedade, e acima de tudo pelo homem que é suposto amá-la eternamente. E depois quando as coisas correm mal, há de tal modo uma mudança de comportamento nessa personagem que subitamente passa a ter comportamentos obsessivos e isso irritou-me profundamente. Essa constante pena de si própria, de vitimização, e os mais que muitos pensamentos em voz alta, repetitivos e maçadores cansaram-me.

No início de cada conta a estória a prendeu-me como na saga napolitana, mas a certa altura – em todos eles – aqui começou a cansar-me. Houve pedaços de narração tão longos e repetitivos das mesmas ideias que me apeteceu passar uma página inteira a ler ao viés.

Em muitos aspectos a narradora do conto “Os dias de abandono” remeteu-me de novo para a personagem Elena Greco pois há muitas coisas em comum entre as duas personagens. E, se já na altura, por vezes me irritei com a sua falta de decisão e de personalidade, aqui isso voltou a acontecer. É talvez a ideia de que todos os problemas das mulheres começam (e parece que também acabam) nos seus relacionamentos maus com os homens que escolheram ou – talvez seja mais ainda na visão da autora – as escolheram a elas que me chateia.

Quem sabe talvez tenha sido eu quem não entendeu bem o que a Ferrante quer transmitir por detrás de tamanha falta de autoconfiança feminina. Digo isto porque no final da narrativa acaba sempre por haver um volte-face e tudo termina bem. Será que está a querer dizer que as mulheres no fim de contas não precisam de se preocupar porque há-de haver em algum lugar do mundo um outro homem que ajude a subir de novo a autoconfiança? Se é isso... pior ainda.

Curioso notar que as três diferentes traduções podem ter de algum modo influenciado a minha leitura e ter gostado mais deste ou daquele conto já que anteriormente todos os volumes da saga napolitana que li tinham sido traduzidos pela mesma tradutora.

Particularmente n’ “Os dias de abandono” notei que a narradora tomou a certa altura uma postura de vulgar (assumida claramente pela personagem no meio dos seus devaneios) e que a linguagem era realmente forte. Tão forte ao ponto de eu me sentir quase incomodada o que até aqui ainda não tinha acontecido com outras leituras de Ferrante. E aí fui ver quem tinha traduzido e percebi de onde me vinha a presença masculina nas suas palavras que não tinha notado nos outros contos – era um tradutor. E não estou com isto a dizer que ele fez um mau trabalho, nada disso. Eu é que não estava habituada. Quem sabe ele talvez tenha sido mais genuíno na sua tradução do que a outra tradutora, a cuja tradução eu estava habituada. Nunca o saberei. O que eu acho é que uma mulher que normalmente não diz asneiras não passa de um momento para o outro a se expressar daquela maneira ordinária, muito menos quando se trata dos seus pensamentos.

Não pude também deixar de notar que como tradutor, (e claro, sei que é esse o seu trabalho) e homem, não deve ter sido fácil escrever todas essas insanidades contra os homens que a Olga pensa e diz.

Acho que Ferrante, no fim de contas é apenas e tudo mais do mesmo. O que significa que apesar de todo este alarido com a saga napolitana não acredito que fique para a estória (talvez em Itália sim) dos grandes escritores da nossa época. Mas posso estar enganada e estar por aí a aparecer brevemente outra saga... quem sabe? ;-)

Ana Carvalheira says

"Cronache del mal d'amore" da autora italiana Elena Ferrante reúne três comoventes histórias que abordam o amor numa tríplice perspectiva: o filial, o romântico e o maternal condensado, por sua vez, numa trilogia textual que inclui "Um Estranho Amor", "Os Dias do Abandono" e "A Filha Obscura".

Dos três, o que mais me tocou foi, sem dúvida, "Os Dias do Abandono" pela crueza da narrativa, pela densidade da personalidade de Olga, pelas situações avassaladoras por que passou quando o seu céu caiu e o seu chão ruiu, ao ver-se abandonada pelo marido, humilhada, por ter sido substituída por uma mulher mais nova e que conhecia desde criança, despedaçada por um casamento que julgara seguro, sem interrupções mas também sem fantasias e sem muitas certezas, aprisionado no tempo, na rotina, nos filhos, na vida que poderia ter sido, que nunca fora e que jamais seria. "As mulheres sem amor gastavam a luz dos olhos, as mulheres sem amor morriam em vida", essa espécie de lengalenga que Olga ouvira da boca de sua mãe no quarto de costura, enquanto criança, escondida sob a mesa de trabalho, numa espécie de porvir que, na altura, não tinha mais do que um peso subliminar.

"Os Dias do Abandono", confundem-se também com a dor do abandono, da injustiça de quem sabe que tudo fez sem, porém, esperar créditos ou agradecimentos apenas aquilo o que lhe era devido: a não transmutação. Intransmissibilidade. "E agora, agora Mário ia-se assim embora, levando consigo todo esse tempo, todas essas energias, todos esses esforços que eu lhe oferecera para gozar dos seus frutos na companhia de outra mulher, de uma estranha que não mexera um dedo para o parir e criar e transformar naquilo em que acabara por se transformar". Apenas acrescentaria fecundar ao parir e criar para reforçar a ideia que, muitas vezes, os sucessos dos homens decorrem de uma espécie de inseminação feminina.

O extravasar de um ódio contido de certo modo irracional mas que acredito próprio das mulheres napolitanas, de um fel ofensivo, de uma emotividade ébria mas ao mesmo tempo de uma inquestionável clareza: "Passamos um longo trecho da vida juntos, pensamos que aquele é o único homem com quem podemos estar bem, atribuímos-lhe talvez coragem e decisão, quando ele não passa de uma cana rachada que emite sons falsos e não sabemos quem ele é de facto, como nem ele próprio o sabe também. Não passamos de seres ocasionais. Consumamos e perdemos a vida porque um certo homem, em tempos remotos, lhe apetecia descarregar o caralho dentro de nós, se mostrou amável, nos escolheu entre as mulheres. Confundimos o banal desejo de foder com uma delicadeza que teria por objeto exclusivo a nossa própria pessoa. Gostamos da vontade de foder que ele sente, iludimo-nos e pensamos que é uma vontade de foder só conosco, conosco só. Oh, ele é tão especial e trata-nos de uma maneira tão especial. Damos outro nome, a essa vontade que o seu caralho tem, personalizamo-la, chamamos-lhe meu amor. Mas que o diabo leve esta história toda, este engano, esta presunção infundada. Do mesmo modo que fodeu uma vez comigo, fode agora com outra, que outra coisa pudera eu julgar que acontecesse? O tempo passa, uma vai-se e chega a vez de outra". Brutal no sentido demonstrativo das palavras!!

A prosa de Ferrante é assim, extraordinariamente cativante na simplicidade, na honestidade e na emotividade. O episódio em que Olga fica presa dentro de casa, com o filho doente e com o cão moribundo é avassalador, inesquecível no frêmito exasperante com o qual nos faz participar da própria ação.

Os devaneios da Tim says

há qualquer coisa na história que não me fascina e enerva.me

Mónica Mar says

El universo Ferrante es una ficción comprimida, densa, minúscula casi, pero pesada y propensa a la expansión súbita: ondas que abarcan y engullen altitudes y longitudes recónditas y que luego del estallido se recogen a sí mismas y vuelven al epicentro, al punto de partida. El universo Ferrante es una constante matemática, un uróboros narrativo estable dentro de su propio caos.

Antes de obnubilar a innumerables lectores con su "tetralogía napolitana" *Dos amigas*, Elena Ferrante publicó tres novelas cortas a lo largo de quince años, novelas reunidas en un solo volumen, *Crónicas del desamor*. Las ficciones de Ferrante siempre tienen una misma narradora: una mujer napolitana adulta que ha logrado una parcial desvinculación de sus orígenes. Es por ello que su universo literario puede parecer reducido, repetitivo: Ferrante lleva décadas intentando decapitar el mismo monstruo. En la primera novela, *El amor molesto*, Delia, la narradora, trata de darle sentido a la muerte inesperada de su madre. En una labor que a primera vista puede parecer detectivesca, Delia procura rastrear los últimos pasos de su madre y así descubrir el porqué de su muerte y las extrañas circunstancias que la rodean. Pero andar esos pasos implica una retrospectiva dolorosa, un cómputo incómodo de los acontecimientos de su infancia y adolescencia, de la relación con su madre, de la relación de ambas con su ciudad natal, con la sordidez del barrio de Nápoles donde vivían, con las muchas violencias que aquel lugar les imprimió en el cuerpo, en el espíritu. En *Los días de abandono*, la segunda novela, la narradora es Olga, una mujer de treinta y ocho años cuyo esposo la deja "un medio día de abril, justo después de comer". Lo que sigue después es un despliegue de dolor y angustia casi obscuro: Olga se hunde en el fango de su propia aflicción, y los bordes de su yo se diluyen, se derraman en las cuencas de su identidad escindida, rota. Y finalmente, en *La hija oscura*, la voz la tiene Leda, una mujer que en sus vacaciones en la playa entra en contacto con una joven madre cuya figura, cuyas actitudes, cuya familia napolitana la hacen reflexionar sobre su propia vida, sus hijas ya adultas, su familia también napolitana. Un gesto, una acción en apariencia insensata la harán acercarse a esas personas cuyos orígenes son los mismos suyos, los mismos que odia y de los que ha tratado de escapar toda su vida.

No es gratuito el adjetivo "napolitano", "napolitana" cuando se habla de Ferrante, de sus personajes. La procedencia de estos rara vez varía; Ferrante nunca los desarraiga, así estos lo intenten, así se debatan entre raíces crispadas, pérfidas; en últimas, las raíces los definen, sus historias son historias de orígenes, de embrolladas genéticas sociales que determinan, que rondan, que sofocan. Y uno de los gérmenes es el lenguaje. En el universo de Ferrante, el lenguaje es un organismo vivo, bicéfalo: está el dialecto, el lenguaje de la casa, del barrio, y por ende de las pasiones crueles, de las violencias; y está el italiano, el lenguaje culto, el de la inteligencia y la medida. Las protagonistas de Ferrante se esfuerzan en asimilar el segundo; dominarlo es una forma de purgarse de humores nocivos, pútridos, de desenraizarse, pero en los momentos más descarnados de sus vidas experimentan bruscas regresiones y el dialecto brota de ellas sin control alguno, doblegándolas, recordándoles que sus orígenes son ineluctables a pesar de la educación que, en cierta medida, las liberó. La educación fue para Delia, para Olga y para Leda no un medio ni un fin, sino un híbrido de ambos, y un arma también: la educación, en especial en otras ciudades (Florencia, Turín), es un cuchillo con que horadar la tierra en la que están arraigadas.

Tampoco es casual que todas las protagonistas de las novelas de Ferrante sean mujeres. La literatura está llena de mujeres concebidas desde la perspectiva masculina, perspectiva que es necesariamente distorsionada. También hay mujeres pensadas por mujeres, pero muchas de ellas habitan dimensiones narrativas restringidas por rescoldos de pudor, de decoro. Las mujeres de Ferrante revelan, tarde o temprano, todos los carices de su naturaleza: el vínculo palpitante y casi inquebrantable con la madre; los cambios del cuerpo, sus humores, sus flujos; las interacciones con los hombres, que van desde las carnales -a veces sórdidas, casi siempre insatisfactorias- hasta las emocionales -yugos, refugios, simbiosis, parasitismos-; los fracasos de la maternidad y sus oscuros horrores; la realización o la negación de la intelectualidad; los vacíos de la soledad y la vejez. En *Crónicas del desamor*, aunque las tres protagonistas experimenten y narren en menor o mayor grado todas estas vivencias, el estandarte es sin duda Olga, pues su relato es el más cruel, el

más impúdico; es una narración de horrores casi dantescos que toma lugar en un pequeño apartamento florentino.

Es innegable que las novelas reunidas en *Crónicas del desamor* funcionan como bosquejos a lo que posteriormente sería la tetralogía napolitana. El universo Ferrante es una ficción comprimida, densa, minúscula casi, pero de proporciones titánicas, inconmensurables.

Emma says

3,5*

A Filha Obscura (4,5*)

A escrita e as personagens de Ferrante são inconfundíveis. Neste livro, o tema principal é a maternidade e as suas duas faces da moeda. A autora dá-nos uma perspectiva fria e cruel, porém muito verdadeira, de como ela pode ser uma vocação ou uma maldição disfarçada de amor. Já conhecia a mestria de Ferrante para contar histórias de pessoas comuns, que têm pensamentos abomináveis e que fazem coisas horríveis, as suas histórias não são felizes e não nos vão deixar com um sorriso no rosto. Quando comecei a ler *A Filha Obscura*, comecei por encarar a protagonista como uma mulher independente, com filhas criadas, que estava só a passar umas férias na praia sozinha. Essa descrição está certa, mas no final do livro, tudo muda, porque ficamos a descobrir que esta mulher tem um fundo de malvadez. Abandonou as filhas, traiu e abandonou o marido, roubou uma criança pequena, interfere maldosamente na rotina de uma família como se estivesse a jogar *The Sims*. Claro que dei por mim a sentir-me mal por estar a ler os pensamentos de uma pessoa assim, mas, por outro lado, tudo o que estava escrito era muito sincero, sem qualquer filtro, eram os pensamentos e as ações puras de uma pessoa que poderia muito bem existir, o que torna a história de alguma maneira maravilhosa. O mais genial é que ficamos a reflectir sobre tanta coisa, sem grande coisa ter acontecido, porque o enredo é bastante simples. O complexo está presente na mente da nossa protagonista que, aos nossos olhos, tornou a maternidade obscura, uma coisa que deveria ser feliz e maravilhosa, é o completo contrário. Acho curioso que a tradução para o inglês ficou "*The Lost Daughter*", o que se pode muito bem aplicar, devido não só, mas também, à boneca que é perdida e se torna toda ela numa personagem. Contudo, o título original descreve melhor todas as complicações que implica ser mãe e ser filha, na minha opinião. E, inevitavelmente, transporte algumas das coisas que se passam na história para a minha própria vida e comecei a pensar se alguma vez a minha mãe sentiu que eu era um fardo, se houve algum momento em que ser mãe não era o que ela queria. Ou mesmo como seria a nossa relação hoje em dia e como a nossa história seria diferente se nos tivéssemos perdido uma da outra, se ela simplesmente não tivesse vocação para ser mãe. Ferrante é genial, repito mais uma vez, porque nunca será suficiente dizê-lo.

Os Dias de Abandono (3,5*)

Este livro deixou-me num dilema. Para explicar o porquê de uma das minhas autoras favoritas me ter arrebatado com o seu brilhantismo e simultaneamente frustrada com a sua personagem principal mais chata e enfadonha, preciso de resumir o enredo da história: uma mulher é abandonada pelo seu marido e fica com a casa, os filhos e o cão nas suas mãos. E este livro é a louca e desconcertante jornada mental (e extremamente traumática em termos físicos) por que esta mulher passa enquanto se sente completamente abandonada e ignorada pelo "companheiro de vida". Primeiro que tudo, a escrita de Ferrante é fenomenal e a sua capacidade para criar personagens plausíveis e descrever a realidade de forma pura e crua é indiscutível (estou sempre a dizer isto, mas é verdade). E neste livro, a autora descreve o processo de separação que esta mulher vive quando anteriormente estava completamente dependente do homem, o seu parceiro, em termos financeiros, sociais, emocionais... Ela não tinha vida própria, só vivia em função da família, e agora vê-se perdida, como se o marido a tivesse deixado no fundo de um poço, sem nenhuma ferramenta para sair dele. E é extremamente interessante acompanhar a sua jornada, mesmo sendo penoso lê-la. O livro está escrito em

primeira pessoa, logo, somos obrigados a colocar-nos no lugar dela, e tudo o que ela passa, faz, sente, é um tormento. Mesmo. Senti-me mal ao ler esta história, principalmente no meio do livro, em que as coisas mais loucas, impossíveis de imaginar possíveis de acontecer, realmente acontecem. É um livro que me causa reacções psicossomáticas. Porém, e por outro lado, acho esta mulher chata, ingénua e inconsequente porque se deixou colocar num lugar em que só há vazio, apenas porque o marido resolveu mudar de vida, deixando um casamento que já não existia, só no papel. As coisas que ela faz com ela própria, com os filhos, com o cão, com a casa... Não gostei, embora tenha noção de que são completamente plausíveis. Mexeram muito comigo e várias foram as vezes em que condenei a personagem por toda a loucura que vivia dentro dela e que ela deixou passar cá para fora. Ao contrário de outros livros "comuns", este deixou-me num dilema em que, à primeira vista, não gostei do livro, só que, depois de reflectir um pouco, só não gostei da personagem principal. Falta-me dizer que, no final, esta mulher surpreendeu-me e a mensagem que a autora nos deixa é importantíssima: tudo passa se deixarmos passar.

Um Estranho Amor (2,5*)

Este foi o primeiro livro que a autora escreveu, em 1992, no ano em que nasci. Portanto, esta história tem a minha idade, é interessante pensar que passaram 25 anos e a violência doméstica acontece e é consentida por todos os que dela têm conhecimento. Curiosamente, foi o último que li da autora e o de que menos gostei. O tema centra-se na maternidade e na relação entre filha e mãe, sendo que aqui apenas temos o ponto de vista da filha. A mãe morreu e a protagonista vai tentar perceber o que lhe aconteceu, ao mesmo tempo que recorda o passado das duas e a relação que tinham. Não me identifiquei com a protagonista, não me aqueceu nem arrefeceu, nem estava preocupada com o que lhe poderia acontecer. Julguei-a bastante em alguns aspectos e não compreendi a " projecção " amarga que ela depositava na mãe. Penso que foi isto que me impediu de desfrutar do livro. Por outro lado, gostei bastante desta, mesmo não tendo contacto algum com ela. As descrições e memórias, de que temos acesso pela filha, revelam uma pessoa muito mais interessante do que ela quer fazer parecer. Acrescento apenas que, por ser o primeiro, a autora ainda não tinha encontrado a sua voz e ainda estava a treinar para escrever posteriormente os muito bons livros que publicou.
